

Relatos de uma (fantástica) experiência

Leticia Gurgel Bezerra Medeiros Cavalcanti
Graduanda do curso de Ciências Biológicas, dividida entre a ciência e a sala de aula,
sonhando em unir os dois e ser feliz para sempre.

14

A disciplina de Estágio II foi executada de forma como nenhum de nós poderia imaginar, iniciamos as aulas em fevereiro, repletos de ideias e expectativas que haviam sido geradas no Estágio I, estávamos prontos para realizar os planos que havíamos feito ainda na disciplina passada. Entretanto, em março veio o “balde de água fria” em todos nós, devido a pandemia do Covid-19 e o aumento dos casos em natal, todos os planos que havíamos feito durante as primeiras semanas deram lugar a dúvidas e indecisões por muito tempo. Com a suspensão das atividades presenciais e alguns meses em seguida, o anúncio de um semestre realizado de forma remota, foi difícil imaginar como retornaríamos depois de um período de afastamento tão longo e ainda, como faríamos o estágio em licenciatura sem o contato diário com os espaços de ensino. Por algum tempo foi difícil visualizar a execução da disciplina longe dos espaços acadêmicos, no entanto, com o retorno do semestre remoto e no seu decorrer, a necessidade do novo formato foi compreendida. Todos nós fomos aos poucos nos adaptando a essa nova situação, que por fim, nos proporcionou a chance de ampliar nossa visão quanto às possibilidades de espaços em que é possível promover a educação. Nós conhecíamos previamente o conceito de espaços não formais de ensino e que era possível trabalhar neles durante Estágio II, no entanto, apesar de conhecidos, esses espaços não costumam ser os primeiros que procuramos para realizar a disciplina, pois a maioria de nós prioriza para os estágios o primeiro contato com um ambiente de sala de aula, assim como o convívio com alunos e o corpo docente das escolas, como uma forma de “treinar” para a profissão. Compreender

os espaços não formais de ensino e de forma remota foi um grande desafio, pois fugiu de tudo aquilo que estávamos acostumados a lidar, e de tudo o que havíamos idealizado nas disciplinas da licenciatura, tratava-se de uma situação nova para nós alunos, mas também para os nossos professores, coordenadores e orientadores.

No entanto, compreender esse novo formato não era o único desafio da turma, precisávamos nos dividir em grupos para desenvolver e apresentar um produto de estágio, deveríamos executar um projeto longe das salas de aulas, das escolas e dos espaços dos quais já havíamos nos acostumado e abrir mão dos planos que havíamos feito. Durante as reuniões debatemos muito sobre um veículo para a produção desse material, que deveria ser de fácil acesso ao público e que conversasse com pessoas de fora da academia, com uma linguagem simples e uma roupagem divertida.

E foi nesse contexto que nasceu a ideia do Podcast “Ciências no Parque”, o desejo de que o Parque das Ciências pudesse ser conhecido e visitado por uma maior quantidade de pessoas, bem como a vontade de que o Parque fosse cada vez mais reconhecido como uma importante ferramenta no ensino natalense se



Foto por Avel Chuklanov/Pexels

aliou à impossibilidade de realizar um projeto no seu espaço físico, nos despertando a ideia de poder “levá-lo a qualquer lugar”, de forma que qualquer pessoa, em qualquer horário, data ou lugar do planeta pudesse por alguns minutos viver a experiência de conhecer o Parque das Ciências, poder passear por seus espaços e seus projetos, como o Jardim Sensorial e os laboratórios interdisciplinares. Realizar esse projeto utilizando a internet como meio de produção e de divulgação nos possibilitou unir o desejo de popularizar o parque ao uso de uma ferramenta tão presente no nosso dia a dia e muito popular entre o público jovem que queríamos alcançar, portanto, a internet foi mais do que nossa grande aliada na execução do projeto, ela foi o veículo que utilizamos desde a sua produção até a divulgação do produto final.

Optamos por produzir quatro episódios de curta duração, em que o primeiro se iniciaria com a apresentação do parque, e contaria com a fala de uma das professoras idealizadoras, para que o público pudesse compreender do que se tratava. Em seguida, para o segundo episódio apresentamos o Jardim Sensorial do parque, destacando a sua estrutura, o seu funcionamento e principalmente a sua importância na educação ambiental e inclusiva a todos. Para o terceiro episódio conversamos também sobre a possibilidade de realizar aulas de outras ciências, como a física em um espaço arborizado e informal como um parque e por fim, para o quarto encontro, apresentamos aos ouvintes uma importante conversa sobre compostagem. Tema e assuntos definidos, o próximo desafio era transformar o projeto em realidade, iniciamos o processo de elaboração dos roteiros, e em seguida demos início às gravações, após muitas

pesquisas, testes e algumas tentativas frustradas, finalmente chegamos a um produto final do jeito que havíamos idealizado. Outro grande desafio durante o processo foi o de aprender e dominar o manuseio de todas as ferramentas que precisávamos, desde o funcionamento correto dos gravadores e microfones, passando pelo processo de edição de áudio e culminando na divulgação do produto final nas plataformas digitais. Como forma de avaliação do processo de aprendizagem, elaboramos alguns questionários sempre linkados na descrição de cada um dos episódios, para que pudéssemos observar se conseguimos atingir nossos objetivos, que os temas de cada um dos 4 episódios fossem assimilados e compreendidos.

Concluimos a disciplina de Estágio II com muitos aprendizados, não somente algumas noções de gravação e edição de mídia, mas principalmente com a lição de que nem sempre os planos iniciais se concretizam da forma como imaginamos e mesmo nas situações em que não parece haver solução, o trabalho em equipe e a dedicação de todas as partes nos revela belas surpresas. O podcast Ciências no Parque foi feito com muito empenho, muita dedicação e sobretudo muita pesquisa, mas nada foi tão compensador quanto o retorno dos colegas, professores e pessoas anônimas que nos cumprimentaram pelo projeto, como também, a satisfação de saber que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, precisando apenas de acesso a internet, pode conhecer e explorar os ambientes do Parque das Ciências da UFRN, um espaço tão importante para a educação potiguar. “Eu sou Letícia Gurgel e esse FOI o podcast Ciências no Parque”.